

Tradição e Modernidade no Território Indígena Xakriabá*

Beatriz Judice Magalhães**

Patrícia Vargas Santos Corrêa de Oliveira***

Vanessa Cardoso Ferreira****

Este artigo tem como objetivo analisar alguns aspectos da história recente da população indígena Xakriabá à luz do pressuposto de que tradição e modernidade podem conviver simultaneamente. Nesse sentido, foi feita uma análise da realidade de tal população ressaltando os aspectos de sua cultura em que se observa a conciliação desses termos. São apresentadas referências teóricas relativas a esse tema e são, também, descritos acontecimentos na Reserva Indígena Xakriabá que exemplificam a convivência entre tradição e modernidade na história recente da referida população.

Palavras Chave: Tradição, mudança, modernidade, identidade, índios Xakriabá.

Área temática: Economia Mineira

* Artigo apresentado no XIV Seminário sobre a Economia Mineira, realizado em Diamantina, MG, entre 25 e 27 de maio de 2010.

** Economista, Mestranda em Antropologia pelo PPGAN/ UFMG, Pesquisadora do Plano Diretor Metropolitano da RMBH no Cedeplar/ UFMG

*** Graduanda em Ciências Econômicas pela UFMG; Assistente de Pesquisa do Plano Diretor Metropolitano da RMBH no Cedeplar/UFMG.

**** Graduanda em Ciências Econômicas pela UFMG, Bolsista do Projeto Educação e Alternativas de Produção: etno-desenvolvimento e alternativas de produção nas comunidades indígenas Xakriabá.

Tradição e Modernidade no Território Indígena Xakriabá*

Beatriz Judice Magalhães^{**}

Patrícia Vargas Santos Corrêa de Oliveira^{***}

Vanessa Cardoso Ferreira^{****}

1. INTRODUÇÃO

O Território Indígena Xakriabá encontra-se no norte de Minas Gerais, entre os rios Peruaçu e Itacarambi, no município de São João das Missões. A reserva reúne em torno de 8.000 índios, a maior população indígena de Minas Gerais.

Com um histórico de contato com Portugueses e bandeirantes, envolvendo a catequização e a miscigenação de sua população original, e de conflitos com fazendeiros, os Xakriabás conseguiram, mais recentemente conquistas importantes no que se refere ao reconhecimento de sua identidade. A homologação das terras indígenas pela FUNAI em 1987 e, posteriormente, a criação do Território Indígena Xakriabá (T.I.X.), significou a emancipação e o reconhecimento do povo Xakriabá por parte do Estado (SANTOS, 1997, p. 108).

Após diversas lutas reivindicatórias para a regularização de suas terras, os Xakriabás possuem, hoje, cerca de 54.000 hectares de terra demarcados, espaço consideravelmente menor que o das terras originais. Os índios se firmaram também no âmbito político. O afloramento de movimentos políticos que visam, entre outras coisas, o resgate da identidade indígena da tribo é uma característica importante da história recente Xakriabá. O surgimento de organizações como associações e cooperativas denota um movimento de mobilização social, política e econômica marcante para a história deste povo. Além disso, ter uma base de apoio dentro da reserva possibilita a maior participação política dos Xakriabás, que têm grande representatividade, sendo que, atualmente, alguns membros da Câmara dos Vereadores, além do prefeito do município de São João das Missões, são Xakriabás.

O objetivo do presente artigo é tentar aplicar, à realidade Xakriabá, uma idéia que vem sendo discutida no contexto da diversidade cultural em meio à globalização, a saber, que as

* Artigo apresentado no XIV Seminário sobre a Economia Mineira, realizado em Diamantina, MG, entre 25 e 27 de maio de 2010.

** Economista, Mestranda em Antropologia pelo PPGAN/ UFMG, Pesquisadora do Plano Diretor Metropolitano da RMBH no Cedeplar/ UFMG.

*** Graduanda em Ciências Econômicas pela UFMG; Assistente de Pesquisa do Plano Diretor Metropolitano da RMBH no Cedeplar/UFMG.

**** Graduanda em Ciências Econômicas pela UFMG, Bolsista do Projeto Educação e Alternativas de Produção: etno-desenvolvimento e alternativas de produção nas comunidades indígenas Xakriabá.

comunidades indígenas também passam por processo de “modernização”. A ideia é a de que a modernidade pode ser incorporada à tradição, num dueto que à primeira vista pode parecer confuso, mas que, quando observado a fundo, revela-se especialmente eficaz para entendermos a história de culturas diversas.

Nesse sentido, diferentemente do que é ideia corrente no imaginário da sociedade não-indígena, e utilizando-nos especialmente da matriz teórica de Sahlins (1997, 2008), podemos dizer que a cultura Xakriabá não estaria em extinção por estar cada vez mais incorporando elementos exógenos. Ao absorver tais elementos, ela estaria, na verdade, se transformando e se reproduzindo simultaneamente. Acontecimentos recentes na Reserva, como a construção de uma Casa de Cultura e a incorporação de técnicas de produção de medicamentos originalmente não-indígenas, conjugadas aos saberes indígenas tradicionais, vêm corroborando a possibilidade de se analisar a cultura Xakriabá de acordo com os referenciais mencionados acima.

A metodologia do presente trabalho é constituída basicamente de duas etapas: a primeira, desenvolvida a partir de um trabalho de campo no Território Indígena Xakriabá, no qual foram feitas entrevistas com as principais lideranças da Reserva, conversas que, em conjunto com a vivência, facilitaram a descrição de determinados processos que ocorrem na Reserva. O trabalho de campo também ocorreu através da participação em oficinas (realizadas na Universidade Federal de Minas Gerais durante o processo de formação de professores indígenas) e em grupos de estudos com professores e alunos interessados. A outra etapa metodológica aqui relatada diz respeito à leitura crítica de textos relacionados aos Xakriabás e a questões indígenas e também daqueles relativos às questões teóricas aqui abordadas.

Na sessão 2, apresentamos algumas características mais gerais da população Xakriabá, assim como os principais referenciais teóricos aqui utilizados. Em seguida, na sessão 3, partimos para a descrição e análise de alguns projetos importantes que vêm ocorrendo na Reserva, e que acreditamos que possam ser vistos através dos referenciais aqui propostos. Finalmente, são realizadas algumas considerações finais.

2. A POPULAÇÃO XAKRIABÁ EM MEIO À TRADIÇÃO E À MODERNIDADE

2.1) Características gerais do Território Indígena Xakriabá

A população Xakriabá é constituída por cerca de 8.000 pessoas e habita uma Reserva Indígena localizada no norte de Minas Gerais, dentro do município de São João das Missões, situado na microrregião de Januária, na mesorregião Norte de Minas. Os descendentes dos índios da Missão do Sr. São João do Riacho do Itacaramby são também conhecidos como caboclos, devido ao fato de a sua constituição étnica resultar de miscigenação da população indígena original. Nas últimas décadas, a população vem se organizando em instâncias diversas. A partir da década de 90, surgiram nove associações indígenas, cujos objetivos eram relacionados a melhorias no âmbito produtivo e ao resgate de aspectos culturais. Embora essas associações venham tendo grandes dificuldades operacionais para executar projetos, tais como aquelas relacionadas ao pagamento de impostos, o seu surgimento, por si só, já constitui um aspecto positivo no que diz respeito à mobilização da população.

O surgimento das Associações exemplifica o afloramento de acontecimentos diversos ocorridos na Área mais recentemente. De fato, nos últimos anos, entidades, tais como a UFMG, a UFSJ e o CEFET de Juiz de Fora vêm desenvolvendo diversas atividades em parceria com a comunidade Xakriabá.

Apesar das conquistas, os Xakriabás enfrentam grandes problemas de produção e reprodução, sobretudo devido aos problemas gerados pelo clima seco e quente, com pouca pluviosidade: *“O problema da escassez de água para a produção é, sem dúvida, um dos obstáculos mais difíceis e repetidamente apresentado, ao lado da dificuldade de transporte para escoar a produção e de se ter acesso aos mercados, até mesmo das cidades vizinhas”* (GOMES; MONTE-MÓR, 2006, p.3). Essa situação de insuficiência de alimentos chegou a causar um quadro de fome duradouro na reserva no passado.

A pouca oportunidade de acesso a bens necessários à sobrevivência, bem como a insuficiência da produção para o abastecimento interno, leva os índios a buscarem trabalho assalariado fora de reserva. As condições de tais trabalhos são muitas vezes precárias, e, na maioria dos casos, os índios se deslocam para fazendas no entorno, para trabalhar com colheita, ou para os estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul para trabalharem com o corte da cana – ambos em atividades sazonais – ficando longe de suas famílias por meses.

A mudança no padrão de consumo dos Xakriabás observada recentemente se deve, entre outros fatores, ao acesso aos meios de comunicação e transporte que estão cada vez mais desenvolvidos e acessíveis. Porém, essa modificação não ocorre apenas no que diz respeito aos bens e serviços. Como têm o contato direto com informações e costumes externos, os Xakriabás são influenciados mais rapidamente, facilitando sua inserção e, do mesmo modo, a relação com outras instâncias além da tradicional relação com a Fundação Nacional do Índio (FUNAI). Tudo isto contribui para uma maior articulação deles, principalmente com relação à política indigenista. Ainda que haja resquício de uma conduta tutelar por parte da FUNAI, os Xakriabás, assim como a maioria das comunidades indígenas hoje, conseguem sustentar uma permanente e regular relação com diversos outros interlocutores (como universidades, prefeitura, etc.), sendo que as Associações Indígenas são fundamentais nesse processo.

O ex-presidente da FUNAI, Marcio Santilli, ao apresentar, conjuntamente com o Instituto Socioambiental (ISA), uma proposta que descentralizasse da FUNAI a gestão de políticas incidentes sobre os povos indígenas, ressalta que

Hoje podemos ir a qualquer região e ver índios em relação direta com municípios, estados, agências do governo federal, missionários, ONGs, antropólogos, madeireiros e garimpeiros. É difícil encontrar uma comunidade que se relacione apenas com a FUNAI; as relações são múltiplas e tendem a aumentar ao longo do tempo”(SANTILLI, 2002, p. 71)

O vínculo com determinadas entidades, tais como as expostas por Santilli, a maior participação na condução de seu próprio futuro e a organização dos Xakriabás em torno das associações, facilitam o alcance da autonomia com relação à FUNAI e as decisões de seu

destino como um povo, possibilitando a superação de problemas que são diagnosticados por eles mesmos, e não por aquele órgão.

Desse modo, ao desejarem uma melhor qualidade de vida e melhores oportunidades, os índios se encontram com mais opções, tanto de financiamento como de apoio, para se articularem e formularem propostas para seu desenvolvimento. Como o grande problema da reserva é garantir a própria reprodução e resistir à perda de sua identidade, muitas vezes lideranças Xakriabá procuram estimular fundamentalmente, relações que fomentem a produção interna, integrando-as à sua cultura e tradição. O contato com outras comunidades indígenas facilita esse processo (documentários de vídeos nas aldeias, encontros nacionais, etc.)

O fato de aspirarem um desenvolvimento em termos econômicos de sua comunidade não implica, por si só, que os Xakriabás assumam ou aprovelem um avanço econômico via sua inserção no mercado e corroborando moldes capitalistas. Ao procurarem alternativas de produção (de farinha e artesanato, por exemplo), através de projetos ou cooperativas, que possam levá-los a uma interação mercantil os Xakriabás procuram formas que visem o interesse coletivo de sua comunidade, assim

ainda que a esfera mercantil seja um elemento comumente associado aos malefícios do sistema capitalista, a atuação *comunitária* é, certamente, uma idéia indubitavelmente oposta à ideologia individualista que se encontra tacitamente inserida nesse sistema (MAGALHÃES, 2007, p. 22).

Dessa forma, a economia Xakriabá, está em constante modificação, e pode ser caracterizada como um agregado de técnicas, experiências e políticas diversas, entre as quais, algumas provenientes do capitalismo.

Através do fortalecimento das escolas indígenas, do estabelecimento de postos de saúde da FUNASA, dos programas governamentais – como o “Bolsa Família” e do repasse do governo via aposentadoria – os índios tiveram maiores oportunidades de emprego e fonte de renda, fundamentais para a sobrevivência das famílias que não se garantem através da agricultura de subsistência ou pecuária. Dessa forma, algumas políticas públicas, não direcionadas especificamente para grupos indígenas, assim como o crescente movimento de aquisição de bens fora da reserva e a monetização da economia Xakriabá, podem estar mescladas às políticas indigenistas e às práticas tradicionais indígenas, refletindo traços de uma comunidade moderna e, ao mesmo tempo, tradicional.

Desse modo, analogamente a outras populações indígenas, como relatado por Azanha (2002, p.31-32), os Xakriabá seguem almejando um desenvolvimento que incorpore suas crenças e valores, uma proposta que busque manter o diferencial étnico e sociocultural empenhado em satisfazer as necessidades básicas e específicas da sociedade, que potencialize a própria cultura e vise a independência de determinações externas.

2.2) Identidade, contato intercultural e modernização para os Xakriabá

Muitas vezes o pensamento da sociedade não-indígena esquece-se de levar em conta que, assim como as demais culturas, a indígena também passa por processo de transformação, a qual, por sua vez, não é específica de nossa época, mas sim um contínuo histórico influenciado pelo contato com outras tribos indígenas e também com os colonizadores europeus e com brasileiros não-indígenas.

As necessidades e o comportamento Xakriabá vêm sofrendo mudanças ao mesmo tempo que o tradicional perpassa suas atitudes. Os Xakriabás têm uma auto-identidade que não é estagnada e se transforma no tempo. Diferentemente do que se pensava nas décadas de 1950 e 1960, conforme mencionado por Sahlins (1997), a modernização, o contato com o exterior e o desenvolvimento Xakriabá não necessariamente leva ao processo de “perda” da sua cultura.

Mudanças econômicas, por exemplo, relativas ao padrão de consumo, vêm ocorrendo com mais intensidade recentemente. Tais mudanças são, em grande parte, influenciadas pelas relações com os não-índios, ocorrendo, assim, a incorporação de elementos oriundos do meio externo, muitas vezes provenientes de uma lógica econômica capitalista. No entanto, ainda é necessário investigar mais a fundo como tais elementos são incorporados dentro da lógica indígena. Cabe reiterar que a existência do mercado em determinada sociedade não garante que ela possa ser caracterizada como capitalista. Como afirmou Polanyi:

A história e a etnografia conhecem várias espécies de economia, a maioria delas incluindo a instituição do mercado, mas elas não conhecem nenhuma economia anterior à nossa que seja controlada e regulada por mercados, mesmo aproximadamente (POLANYI, 2000, p.63).

O contato com o meio externo (consequência da busca por trabalho) contribuiu para a diversificação dos bens que fazem parte do consumo Xakriabá, aumentando progressivamente a necessidade de buscar, em mercados externos, esses bens. Vale ressaltar que, embora as atividades mercantis estejam hoje mais presentes na Reserva, isso não quer dizer que os princípios imperativos do mercado inerentes a tais atividades se tornem regra na localidade.

Do mesmo modo como Alverson situou os Tswana do sul da África, os Xakriabá podem ser considerados seres criativos que desempenham um papel independente na elaboração e transformação de sua identidade. O resultado “[...] da incorporação de elementos da modernidade em sua auto-identidade é *uma criação nova*” (ALVERSON, 1978, *apud* SAHLINS, 1997)

Ainda que os Xakriabá não apresentem um modo de vestir, um estilo arquitetônico, uma língua corrente própria ou outras características que condizem com o estereótipo imposto aos índios, eles expressam sua “indianidade” principalmente no modo como incorporam as “novidades”, na sua consciência, nas relações com o outro, no conhecimento tradicional, na sua organização, nos seus valores sociais e religiosos, nas suas formas de produzir e nas

suas expectativas. Segundo Eduardo Viveiros de Castro, em entrevista ao *Aconteceu*, o objetivo político e teórico dos antropólogos

era estabelecer definitivamente [...] que índio não é uma questão de cocar de pena, urucum e arco e flecha, algo de aparente e evidente nesse sentido estereotipificante, mas sim uma questão de “estado de espírito”. Um modo de ser e não um modo de aparecer. Na verdade, algo mais (ou menos) que um modo de ser: a indianidade designava [...] um certo modo de devir, algo essencialmente invisível mas nem por isso menos eficaz: um movimento infinitesimal incessante de diferenciação, não um estado massivo de “diferença” anteriorizada e estabilizada, isto é, uma identidade. (VIVEIROS DE CASTRO, 2006 pag. 135)

Ou seja, percebe-se que uma redefinição do que é “ser índio”, como propõe Viveiros de Castro, abre espaço para uma das idéias centrais que aqui pretendemos apresentar, qual seja, a de que a cultura Xakriabá não estaria *desaparecendo*, mas sim, se *transformando*. Como propõe Sahlins (1997), as culturas indígenas, longe de estarem ameaçadas pela aceleração da globalização, estariam na verdade se reinventando a partir desse processo globalizatório. Assim:

Ao invés da Grande Narrativa da dominação ocidental, portanto, um outro modo de lidar com a constatação antropológica usual de que os outros povos não são tão facilmente deculturados seria reconhecer o desenvolvimento simultâneo de uma integração global e de uma diferenciação local. (SAHLINS, 1997, p.57)

De fato, é rompendo com a dicotomia clássica entre tradição e mudança, já que ambas, a seu ver, podem estar mais próximas do que em geral imaginamos, que Sahlins propõe uma abordagem inovadora de temas que estão fortemente relacionados à realidade Xakriabá. Um exemplo interessante e ilustrativo das teorias deste autor se refere à sua análise antropológica histórica de transformações/continuísmos que ocorreram na cultura havaiana com o advento da colonização europeia. Sugerindo que estrutura e prática ou até mesmo “cultura” e “história”ⁱ se reproduzem e se transformam mutuamente (Sahlins, 2008), o autor propõe que as transformações originadas pela presença europeia no Havaí foram pautadas, também, pelas próprias tradições culturais havaianas, as quais, conjugadas aos acontecimentos históricos da colonização, teriam ocasionado, simultaneamente, a reprodução e a transformação da ordem cultural pré-existente (idem, p. 69-124).

Tendo em vista que, analogamente ao caso Xakriabá, as transformações na cultura havaiana foram desencadeadas pelo contato intercultural com os europeus, inaugurado com a

ⁱ “Cultura” e “História” talvez não se encontrem tão separadas a ponto de podermos, no estrito sentido do termo, analisa-las como se estivessem em compartimentos estanques. No entanto, o estabelecimento desta separação faz-se necessário para fins metodológicos, e a discussão que ambos os termos podem suscitar, embora extremamente interessante, escapa, em muito, aos limites deste trabalho.

colonização, é possível buscarmos, na análise de Sahlins, referências que podem ser úteis para entendermos acontecimentos recentes da história Xakriabá.

Proposição teórica que se relaciona com as de Sahlins é aquela de Hobsbawm relativa ao sentido do passado histórico em diversas sociedades. Como afirma o historiador:

A crença de que a “sociedade tradicional” seja estática e imutável é um mito da ciência social vulgar. Não obstante, até um certo ponto de mudança, ela pode permanecer “tradicional”: o molde do passado continua a modelar o presente, ou assim se imagina. (HOBSBAWM, 1998, p. 25)

É importante salientar a questão da mudança como possibilidade recorrente nas assim chamadas sociedades tradicionaisⁱⁱ, da mesma forma que ela ocorre, por exemplo, na nossa sociedade, para podermos visualizar uma imagem dos povos indígenas mais condizente com a realidade.

3. ACONTECIMENTOS DA HISTÓRIA RECENTE XAKRIABÁ

3.1) Projetos realizados no T.I.X.

Atualmente, os projetos no Território Indígena Xakriabá (T.I.X.), acontecem graças a parcerias que foram realizadas entre as Associações Indígenas, a Prefeitura de São João das Missões, a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), o Ministério do Meio Ambiente (MMA), a Articulação do Semi-Árido (ASA), e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), dentre outros. Tais projetos refletem a vontade, por parte tanto dos Xakriabá quanto dos pesquisadores envolvidos, de levar à comunidade Xakriabá alternativas de produção e reprodução das condições de vida.

Historicamente, os Xakriabá articulam-se através das escolas, de grupos de roça e, principalmente, através de associações que vêm sendo criadas desde 1990. A primeira das associações surgiu na aldeia Brejo do Mata Fome, onde estão a residência do cacique, a escola principal e a sede da FUNAI. Existem hoje onze associações que, apesar de enfrentarem dificuldades operacionais – relacionadas à administração, dificuldades burocráticas e, como afirmam Diniz e Magalhães (2008, p. 4), dificuldades relacionadas ao pagamento de impostos – desenvolvem, em conjunto com o setor público e ONGs, diversos projetos que visam melhorar a qualidade de vida da comunidade fortalecendo as relações tradicionais Xakriabás.

ⁱⁱEspecificamente para uma leitura mais aprofundada do termo “populações tradicionais”, ver Little (2002).

Os projetos foram pensados com base nos efeitos a serem gerados com a implementação dos mesmos – tomando como referência conceitos antropológicos – com a intenção de perceber como as práticas indígenas e o conhecimento dos índios com relação à natureza podem ajudar no problema de abastecimento interno da comunidade. Nesse sentido, buscam reafirmar a especificidade Xakriabá, modernizando e criando condições para a emancipação dos índios.

As Associações Indígenas Xakriabá formulam os projetos, que são respostas às demandas da população, e visam preencher as lacunas que dificultam o alcance da auto-gestão dos recursos da reserva indígena Xakriabá.

A seguir, serão apresentados alguns projetos realizados no TIX, principalmente os que ocorrem nas aldeias Barreiro Preto e Sumaré I. Em última instância, esses projetos têm como objetivo organizar a sociedade e mobilizar os índios para a execução de ações que auxiliem no alcance da melhoria das condições de vida, com oportunidades sustentáveis, e possibilitem o acesso aos meios que garantem a sua reprodução. São eles: Casa de Cultura, Casas de Artesanato, a Casa de Medicina, a Casa de Farinha.

3.1.1) A Casa de Cultura

O projeto Casa de Cultura Xakriabá iniciou-se no ano de 2006 a partir de discussões com a população local. Tal projeto consiste na construção de uma casa de grande porte, Localizada na aldeia Sumaré I, que vem responder a um anseio expresso pelo povo Xakriabá, nos últimos anos, de concretizar iniciativas que contribuam para o reconhecimento da sua identidade étnica e valorização da sua cultura tradicional.

O projeto parte da intenção de resgatar os diferentes tipos de habilidades na produção de artesanato (cestos, balaio, barro, tecido, etc) que serviam de troca pelos demais produtos (por exemplo, pelos alimentos). As atividades relacionadas com a produção de artesanato já vêm sendo desenvolvidas em diversas aldeias, e a construção da Casa de Cultura representa um impulso para o seu crescimento e consolidação. Esse projeto foi discutido em diferentes momentos, em reuniões realizadas desde 2004, com o acompanhamento do Cacique Domingos Nunes de Oliveira e de lideranças e representantes das associações e escolas.

O repasse de técnicas de artesanato dos mais velhos aos mais jovens já vem ocorrendo entre os Xakriabá, porém, se trata de um processo que ocorre de forma fragmentada, sem continuidade e sem visibilidade. A Casa de Cultura, nesse sentido, é de importância singular, tendo em vista que será um espaço de convivência, aprendizado e multiplicação de diversos aspectos da cultura e da história Xakriabá. Portanto, será também um espaço de convivência e de memória.

Na discussão com a comunidade, os principais consensos sobre a Casa de Cultura levaram à seguinte proposta quanto à sua estruturação e funções: a) espaço de produção e aprendizagem do artesanato Xakriabá; b) espaço multimídia; para reuniões e atividades comunitárias e de formação; c) espaço de exposição e venda; d) museu. Desse modo, a

Casa de Cultura é dividida em quatro módulos, que juntos compõem o todo da construção e que serão utilizados para atividades supracitadas.

As atividades da Casa de Cultura visam conciliar inovação e tradição. Tradição, no sentido de conservar e aprimorar os modos de construção indígena e inovação, no sentido de agregar tecnologias mais eficientes e sustentáveis de construção. Uma das inovações incorporadas à técnica de construção indígena é a fabricação de tijolos de solo-cimento, os quais estão sendo produzidos com o solo local agregado a uma pequena parte de cimento, o que representa uma alternativa de construção auto-sustentável e não excludente pelo custo. Permitir que o maior número de indivíduos tenha acesso a essas alternativas é viabilizar um processo de construção que mescla tradição e cultura, sem que seja necessário submeter a população local a gastos que não fazem parte de suas possibilidades. As telhas utilizadas na construção também foram fabricadas no próprio território, por Xakriabás que possuem a prática de fazer telhas como tradição familiar.

A construção da Casa de Cultura é feita pelos habitantes da TIX, havendo um pedreiro responsável (mestre de obras) e dois serventes auxiliares. Essa estrutura permite que parte do financiamento destinado ao projeto seja repassada aos habitantes locais, na forma de pagamento de salários, o que representa, também, um incentivo à permanência desses habitantes na terra indígena e a não buscarem trabalho temporário fora da reserva.

A Casa de Cultura reserva um espaço para as atividades de resgate da tradição artesanal, fornecendo a infra-estrutura necessária para a realização desses trabalhos. As atividades de artesanato já são realizadas nas diversas aldeias que compõem a Reserva Indígena, mas, na maioria dos casos, faltam recursos para que o trabalho seja realizado de forma consistente e com a participação de um número maior dos membros das comunidades.

Fator que facilita o trabalho na Casa de Cultura é a movimentação da comunidade em torno da construção, o que conta com auxílio de professores indígenas, das lideranças locais e dos moradores da reserva.

3.1.2) As Casas de Artesanato

Durante os anos de 2007 e 2008 foram analisadas alternativas para ampliar as atividades do artesanato no território, para além do espaço da Casa de Cultura. Desse modo, foi vislumbrado, em diálogo com a comunidade local, um projeto para a construção de oito Casas de Artesanato, distribuídas em aldeias estratégicas e que permitiriam maior acesso das comunidades locais à produção do artesanato. Essas novas casas assemelham-se estruturalmente à Casa de Cultura, segundo proposta dos próprios Xakriabá, mas em dimensões menores e com forma apropriada ao tipo de atividade artesanal já estabelecida em cada aldeia.

Em 2007, a equipe da UFMG visitou os locais de produção da cerâmica Xakriabá para onde havia sido sugerida a instalação de Casas de Artesanato. Foram identificados oito locais potenciais, em aldeias que já possuem uma tradição de trabalho com o barro e cujas

comunidades já se rearticularam em torno dessa produção – em todos os casos envolvendo, direta ou indiretamente, atividades nas escolas.

Em 2008, ficou definido, em reuniões com as lideranças locais, que as Casas de Artesanato seriam construídas utilizando-se os recursos inovadores que foram previamente implementados na construção da Casa de Cultura, tais como tijolo de solo-cimento, telhas artesanais, entre outros, permitindo, ainda, que o conhecimento adquirido com tais inovações sejam repassados para outras aldeias.

No entanto, devido a problemas com financiamento, durante o ano de 2009 somente três das oito casas puderam ter a sua construção iniciada, sendo elas localizadas nas aldeias: Pedra Redonda, Veredinha e Pindaíbas.

As Casas de Artesanato permitirão que a produção artesanal esteja presente em maior espaço dentro da reserva e, desse modo, esteja mais acessível aos habitantes do TIX, constituindo fonte de aumento da produção em geral e garantia de renda.

Todo esse processo vem sendo trabalhado em conjunto com os professores de artes e cultura Xakriabá, em uma interface também com o curso de Formação Intercultural de Professores Indígenas.

3.1.3) A Casa de Medicina

O projeto da Casa de Medicina foi originalmente organizado pelo Conselho Indigenista Missionário (CIMI) e funciona na aldeia Barreiro Preto. Para a conclusão do projeto foram aplicados cursos de farmácia e foi construída uma casa, onde os índios produzem e armazenam tanto a matéria-prima (folhas, sementes, cascas) quanto o produto final, e arquivam o conhecimento quanto às plantas medicinais (onde encontrá-las, como utilizá-las, quão abundante se encontram no cerrado, e quem lhes passou o conhecimento).

A Casa de Medicina está bastante ligada à tradição Xakriabá, e às suas crenças. As plantas do cerrado são há muito tempo utilizadas na produção das medicinas pelos pajés e raizeiras. De acordo com as crenças Xakriabás esses grupos detêm todo o conhecimento sobre o manejo das plantas e sua capacidade, além de serem pessoas especiais: para os Xakriabás os pajés conseguem estar em diferentes lugares ao mesmo tempo, detêm o poder da cura, e se comunicam com a onça cabocla, um símbolo protetor muito importante para eles.

Os pajés e as raizeiras contribuem para o projeto se dispondo a transmitir o conhecimento relativo às plantas para os mais jovens. Segundo Nicolau (liderança da reserva), além de ser muito importante por possibilitar a conservação e sistematização de um saber tão valioso, a Casa de Medicina permite grande praticidade em relação ao armazenamento dessas medicinas, graças às técnicas aprendidas durante o curso de fitoterapia promovido pela UFMG. Ele explica que antigamente se fazia o chá de determinada planta, “a gente tomava num dia e noutro esse chá já não servia”.

A implementação desse projeto não modifica a forma de interação dos índios com a natureza. Assim como antigamente, as plantas, as cascas ou as sementes são coletadas da vegetação já existente no cerrado. A novidade é que, ao aprenderem com os mais experientes, os jovens desenvolvem novas receitas a partir de livros e cursos (organizados pelo CIMI) e, agora, as medicinas podem estar disponíveis por mais tempo e também serem vendidas. Segundo Edivânia de Jesus Freire (funcionária voluntária da casa), da aldeia Barreiro Preto, o preço das medicinas é bem acessível e cobre apenas seu custo de produção e de manutenção da casa. A idéia inicial é vender para os próprios índios, já que são eles que demandam essas medicinas e consultam os pajés.

A Casa de Medicina se dedica a reforçar o conhecimento tradicional sobre as práticas de cura, atuando como instrumento potencializador das convicções Xakriabás e modernizador de suas práticas.

3.1.4) A Casa de Farinha

A quantidade de farinha de mandioca, apesar de ser um dos alimentos mais produzidos na Reserva Indígena Xakriabá e de ser o mais consumido, é insuficiente para satisfazer a demanda dos índios. Verificou-se que a farinha da mandioca é também o alimento mais comprado pelos Xakriabás e que tais compras ocorrem em maior grau fora da área da reservaⁱⁱⁱ.

A Associação Indígena do Barreiro Preto se mobilizou a fim de dar condições para uma produção de farinha condizente com o interesse, com o conhecimento e com a tradição ligada ao cultivo de mandioca e à preparação da farinha. A associação fornece materiais (como o tacho para a torração da mandioca e raladores) com técnicas mais avançadas que são utilizados através de um sistema de rodízio entre as famílias produtoras de mandioca.

A Casa de Farinha, localizada na aldeia Vargem e disponível para toda a comunidade, é uma sugestão para reduzir os problemas de produção e armazenamento da farinha de mandioca e tapioca. De acordo com Diniz e Magalhães (2008, p. 17) a farinha produzida em excesso muitas vezes se perde por falta de conservação.

A Casa de Farinha da aldeia Vargem é um projeto apoiado pela Carteira Indígena^{iv}, sua construção foi concluída no final do ano de 2008, quando as máquinas já estavam disponíveis para começar a produção. Apesar de não haver um padrão rígido de divisão do trabalho (pois quando os homens saem da reserva à procura de emprego as mulheres ficam

ⁱⁱⁱ Fonte: Pesquisa Conhecendo a Economia Xakriabá (2005)

^{iv} Ação desenvolvida por meio de uma parceria entre o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e o Ministério do Meio Ambiente para a execução de projetos estruturantes voltados para a segurança alimentar e nutricional e desenvolvimento sustentável de comunidades indígenas e que respeitasse a autonomia das comunidades e suas identidades culturais. Disponível em www.mds.gov.br.

responsáveis por outras atividades familiares além das suas), a produção de farinha ainda reserva funções específicas às mulheres e aos homens, guardando resquícios da maneira como acontecia há vinte anos^v. Os homens primordialmente faziam o trabalho que exigia mais força, e as mulheres, que normalmente eram predominantes na produção de farinha, ralavam a mandioca e realizavam outras tarefas mais leves. Hoje essas mulheres ainda são responsáveis por raspar a mandioca e por torrar a farinha, tendo que haver um revezamento entre elas nesta última operação.

A produção de farinha se baseia na relação familiar. Em época de colheita, netos, avós, tios e primos e, algumas vezes, outros vizinhos, se encontram para começar a produção, se dividindo de acordo com a etapa. Para Hilário (liderança da aldeia Barreiro Preto e vereador na cidade de São João das Missões), a Casa de Farinha tem um sentido maior que o produtivo: além de estar relacionada à história Xakriabá, ela diz respeito à sociabilidade inerente a seu processo de produção: “quando a comunidade reúne para trabalhar junto traz uma satisfação para as pessoas”. Segundo o índio, a produção de farinha de mandioca e tapioca é antiga e preserva relações de troca não mediadas pela moeda.

As pessoas que participam na produção de farinha costumam levar consigo determinada quantidade de pratos de farinha de mandioca e parte da tapioca (porção mais requisitada do processo) como o equivalente ao pagamento de um serviço. Grande parte da produção Xakriabá é vendida dentro da própria comunidade e o excedente é, eventualmente, encaminhado para a cidade.

A produção e o consumo da farinha de mandioca facilitam a relação informal de empréstimo, de doação de pratos de mandioca para os que não a produzem ou não podem comprá-la e de troca (por feijão ou milho), podendo haver a concessão de descontos para parentes quanto menor for o grau de parentesco.

A Casa de Farinha possui diversas inovações técnicas. O ralador da mandioca, anteriormente feito de pinos, está disponível na casa e é, agora, movido a motor, fazendo com que a produção seja mais rápida e em maior quantidade – antes se produzia um saco de farinha por semana, enquanto agora Nicolau estima, que nesse mesmo espaço de tempo, seja possível produzir em torno de sete sacos.

Para o professor da escola do Barreiro Preto, Adimar Seixas, a idéia desse projeto não é fazer com que as pessoas deixem de comprar de fora da reserva, mas sim constituir um meio de apoio à produção. A farinha geralmente é para o auto-consumo, trocas e doações. Assim, espera-se que a Casa de Farinha não mude, mas possibilite que a forma de circulação mais tradicional da produção da farinha de mandioca seja resgatada na reserva indígena Xakriabá.

^v Anos estimados a partir do que contavam alguns Xakriabá sobre a produção de farinha antigamente, em relato durante o trabalho de campo aqui referido.

3.2) Educação

As escolas Xakriabá têm papel importante na comunidade. Elas podem ser entendidas como um projeto que promove o desenvolvimento mesmo que este não tenha sido pensado durante o processo de implementação das escolas, tanto para efeitos de planejamento, quanto para efeitos de avaliação de seus impactos (in GOMES e MONTE-MÓR, 2006 ,p 2). Nesta sessão apresentaremos uma discussão sobre o diálogo da escola indígena do Barreiro Preto com relação aos projetos e, finalmente como a modernidade está presente nessa interação.

Em 1995, foi iniciado o Programa de Implantação de Escolas Indígenas de Minas Gerais (PIEI-MG), uma parceria entre os povos indígenas e a Secretaria de Estado da Educação com a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e o Instituto Estadual de Florestas (IEF). O Curso de Formação de Professores Indígenas (que já formou várias turmas de diversas etnias como os Xakriabá, Pataxó, Krenak e Maxacali) reconhecido pelo CEE/MG possibilitou a implementação de tais escolas diferenciadas.

Além desse, foi necessário um curso de formação dos professores indígenas em nível de Magistério constituído por duas etapas: uma intensiva e outra intermediária. As etapas intensivas ocorreram semestralmente no Parque Florestal do Rio Doce, e as intermediárias, no período entre uma etapa intensiva e outra. Para essa formação, levou-se em conta, primeiramente, a demanda dos índios (das diferentes etnias) com relação às áreas de conhecimento.

A especificidade no processo de aprendizado de cada grupo indígena, bem como outras particularidades, instigaram a ampliação das escolas indígenas e a diferenciação do ensino. Além disso, a demanda por uma formação em nível superior fez surgir os cursos de Licenciatura indígena (GERKEN, et al, 2004). A Licenciatura Indígena, hoje oferecida por mais de quatro universidades (LEITE, p.06), tem, como objetivo habilitar professores indígenas que estão em exercício (do Magistério) em suas aldeias e ainda não se qualificaram através de um Curso Superior (idem, p.8). Os educadores são formados para lecionar nas escolas indígenas de Ensino Fundamental e Médio. O programa está organizado por duas etapas: presencial e não-presencial. Parte dessa formação ocorre na própria reserva por meio de visitas de monitores ou de pesquisas realizadas pelos professores indígenas, e outra parte com a participação em oficinas, conferências, seminários e cursos realizados durante a Formação Intercultural de professores Indígenas (FIEI) na UFMG. O currículo do curso de cinco anos está organizado por temas com conteúdo científico-cultural e por atividades acadêmicas de prática de ensino, estágios supervisionados, projetos de pesquisa e de produção de material didático e laboratórios interculturais.

Os índios Xakriabá são normalmente maioria entre os estudantes do curso da FIEI, e seus principais interesses estão relacionados às políticas públicas e territoriais, à educação, aos projetos sociais, às medicinas alternativas, ao meio ambiente, à história e à cultura. As escolas Xakriabás possuem em torno de 3.000 alunos e estão divididas em quatro grandes

núcleos devido à grande extensão do território. O núcleo denominado Xukurank tem sua sede localizada na aldeia Barreiro Preto e centraliza algumas das escolas Xakriabá^{vi}.

Em geral, as escolas indígenas brasileiras são específicas e diferenciadas apenas em teoria. Elas possuem vestígios do modelo catequizador das missões religiosas, de caráter homogeneizador e civilizatório. Hoje, essas missões adotam um modelo considerado por elas “inovador”, caracterizado pelo sistema de educação bilíngüe, como foi colocado por Bruna Franchetto, antiga assessora de projeto para a formação de professores indígenas. Ela afirma que mesmo com o reconhecimento por parte do estado de que os índios possuem características específicas no processo de aprendizagem, e de que somos um país pluricultural e multilíngüe,

há ainda apenas uma introdução retórica do discurso da educação bilíngüe, uma reflexão tímida, com a adoção nem sempre crítica de um modelo ainda com “cheiro” missionário e fórmulas muitas vezes empacotadas, iniciativas voluntárias e pouca competência específica. Entendo por “pouca competência” a tendência a privilegiar a aplicação de fórmulas, adotando uma ou outra novidade pedagógica e universalizando-a de modo indiferenciado, uma certa resistência à prática do diálogo como posições adversas ou críticas que incomodam e relativizam, inclusive com sabor iconoclasta. (FRANCHETTO, 2002, p. 96)

Poucos entendem as especificidades socioculturais das comunidades indígenas. O território Xakriabá possui aldeias que são muito diferentes entre si, sendo essencial que existam propostas que se adequem a cada contexto, fundamentalmente quando se fala de educação. Diante das condições expostas acima, os índios da aldeia Barreiro Preto aproveitaram um modelo de ensino e uma instituição que de certa forma foi imposta a eles, podendo este caso, assim, ser considerado uma exceção à regra de Franchetto.

Existem inúmeros obstáculos à implementação da educação indígena no Brasil e no próprio território Xakriabá. No entanto, a escola indígena da aldeia Barreiro Preto consegue ser mais que um modelo de educação universal e homogêneo. Ao invés disso, essa escola é capaz de absorver o conhecimento externo conduzido pelas escolas e resgatar seus saberes tradicionais, sendo diferenciada e específica, de acordo com sua realidade. A proximidade dessa escola com a comunidade e com a Associação Indígena do Barreiro Preto, e, do mesmo modo, o interesse de seus professores em conhecer e participar de encontros com outras comunidades indígenas, facilitam a adaptação do aprendizado e do aprimoramento de novos saberes.

A implantação das escolas indígenas desencadeou diversas alterações relacionadas ao aumento de recurso financeiro disponível na reserva e ao surgimento de novos cargos e opções para as tarefas diárias da família. O crescimento da escolarização, que vem ocorrendo desde 2003, “alterou em modo drástico a vida das famílias, reorganizando tempos e atividades, redefinindo as formas tradicionais de convivência e de relação entre as gerações, uma vez que se trata de uma população adulta com alta taxa de analfabetismo”. (GOMES e MONTE-MÓR, 2006, p.2)

^{vi}Censo Escolar 2005, Secretaria do Estado da Educação de Minas Gerais.

De acordo com pesquisas realizadas na reserva^{vii}, a maioria dos alunos das escolas é do sexo feminino, e as transformações de interação entre os Xakriabá acontecem ao mesmo tempo em que as escolas passam a interferir na forma de transmissão de conhecimento (antes apenas oral). A partir de entrevista com Levindo, constatou-se que as crianças de hoje usufruem da televisão e outros meios de divertimento e já não se interessam tanto pelas histórias e conversas com os mais velhos: “hoje as crianças não sentam à tarde com os mais velhos para escutar histórias, elas vão pra televisão. Eu só conto história quando alguém pergunta”, afirma. Assim, as escolas podem transformar essas “histórias” em documentos e retomar alguns assuntos importantes na história Xakriabá.

O papel das escolas indígenas na reserva, especialmente da aldeia Barreiro Preto, e a importância adquirida pelos professores, se tornou central para o enfrentamento de obstáculos econômicos e sociais. Elas são uma das responsáveis pela promoção do conhecimento indígena, pela efetiva participação dos alunos e professores em distintos projetos, pela geração de empregos e pela divulgação de novas idéias.

Ainda, a escola da aldeia Barreiro Preto representa uma conquista Xakriabá, já que nela ensinam apenas professores indígenas, que passam aos alunos o conhecimento de experiência e de vivência como índios Xakriabás, e também transmitem aprendizados externos que podem ser incorporados à sua realidade, tais como os adquiridos durante o curso de formação de professores indígenas, encontros ou programas interculturais (que contam com a presença de outros grupos indígenas), que são de grande interesse dos professores.

Os alunos da aldeia Barreiro Preto buscam aprender o vocabulário Xakriabá (que até então só era do conhecimento de alguns idosos da reserva) e parte da literatura utilizada pelos professores é de autoria dos próprios índios. A maioria desses textos não deixa de tocar em assuntos históricos (tais como o assassinato do pai do Cacique há 20 anos), heróicos e da crença específica da reserva (sobre a onça cabocla e o funcionamento do calendário da lua, que segundo eles tem grande influência no regime da chuva). Além disso, durante as aulas, os estudantes tomam conhecimento dos projetos e podem participar deles: em algumas aulas práticas os alunos realizam os cercamentos do projeto “Xakriabá de mãos dadas na recuperação da natureza: Água é vida” e constroem os viveiros do projeto “Viveiros” que consiste na plantação de mudas de espécies vegetais que ficam protegidas e servirão para o reflorestamento da mata ciliar das nascentes e para o fornecimento de mudas às famílias. Os alunos também vão ao cerrado para coletar e fazer o levantamento de plantas medicinais que são utilizadas na Casa de Medicina.

Ainda, os alunos se mostram bastante apegados aos processos de aprendizagem que possam de alguma forma melhorar sua qualidade de vida. O professor da escola do Barreiro Preto, Alberto, ensinou aos alunos a técnica de compostagem que aprendeu em um encontro que contou com a presença de diversas comunidades indígenas. A compostagem é um método de produção que consiste em preparar a terra de modo que fique mais fértil para o plantio. Durante 45 dias, molha-se a terra, revolvendo-a constantemente e adicionando plantas que

^{vii} Relatório de pesquisa: Produção e transmissão de conhecimento na cultura tradicional Xakriabá: contradições do cenário contemporâneo.

estavam no chão e insetos mortos, e, ao final, acrescenta-se à terra um fertilizante natural feito de esterco bovino. A idéia do professor é, após esse período, fazer uma experiência comparativa: verificar a diferença do plantio entre valas na horta da escola onde a terra foi preparada pela compostagem e outra parte, onde o solo não estará preparado pelo mesmo processo. Ao final da experiência, os resultados serão analisados: o professor espera que a plantação a partir da técnica de compostagem apresente efeitos muito melhores, com as mudas crescidas e vivas.

O projeto foi desempenhado pelos próprios alunos com a orientação do professor. Passando à observação dos resultados, eles farão uma cartilha explicativa que será distribuída à comunidade. Se realmente for uma técnica eficiente, os jovens alunos, como detentores do conhecimento prático sobre o método de compostagem, poderão passar para suas famílias e outras pessoas o seu aprendizado, o que poderá melhorar a alimentação da população da aldeia Barreiro Preto já que, segundo Alberto, essa técnica permite o cultivo de diversas espécies vegetais que não sobreviveriam ao clima seco do cerrado: “só arroz, feijão, carne e macarrão não indica que a alimentação seja boa”.

No momento em que têm contato com as crenças e se envolvem com os problemas da reserva e com os projetos, os alunos passam a ser referência e fonte de conhecimento para toda a comunidade. Com isso, a escola contribui para a modernização e a recuperação dos saberes e pode, através da valorização da cultura Xakriabá, promover a ampliação das idéias e melhoria das condições de vida, possibilitando aos jovens ficarem na reserva e produzir cada vez mais conhecimento e bem-estar aos índios.

3.3) Consumo

Como brevemente ressaltado anteriormente, o contato externo – intensificado com o trabalho temporário com a colheita de cana e com a proximidade da economia brasileira – estimulou uma mudança nos padrões de consumo Xakriabá e esse foi um processo rápido, se comparado com as demais mudanças vivenciadas por eles. Em pouco tempo viu-se a incorporação de bens como televisão, motos e geladeiras, que hoje são partes integrantes e inseparáveis de seu cotidiano.

Os resultados encontrados por Marden Campos, Thiago Campos e Roberto Monte-Mór (2006), para equipamentos que necessitam de energia elétrica demonstram que 33% dos domicílios tinham, nessa época, aparelhos de som, 23% geladeira e 29% televisão. Acredita-se que, em 2009, esses valores tenham sofrido um aumento considerável. O bem que visivelmente mais aumentou no TIX foi a moto, pois atualmente observa-se um grande número desse meio de transporte na reserva, embora segundo esses autores, em 2006, ele ocupasse apenas 10% dos domicílios.

Esses bens, agora incorporados ao TIX, trazem mais conforto e facilidade aos habitantes, seja no acesso a informações (aparelhos de som, televisão), na facilidade em conservar alimentos (geladeira) ou de transporte (moto) dentro do território. Mas não necessariamente

significam perda da identidade Xakriabá, já que, como dito anteriormente, o espírito Xakriabá traduz-se mais no “jeito de ser”.

Esse fato está no cerne da discussão a que este artigo se propõe, a de que a cultura Xakriabá passa continuamente por um processo de transformação. De fato, o que se nota é que enquanto alguns valores considerados do universo não-indígena são incorporados, outros tipicamente indígenas são mantidos e (re) construídos. Como exemplos, temos: i) a volta da festa com roupas características nas formaturas dos alunos do terceiro ano do Ensino Médio; ii) a utilização de pinturas de genipapo, sempre que há fruta suficiente para isso, iii) o uso cada vez maior de colares e pulseiras feitas com sementes e ossos de animais. Mas, mais importante que esses exemplos práticos, há a (re) construção do próprio espírito Xakriabá, expresso em canções e na valorização do seu espaço de vida.

Como afirma Gordon, ao estudar os índios Membêngôkre, na Amazônia:

[...] a localização geográfica dos Membêngôkre, nas bordas mais afastadas da frente de expansão colonial, de certa forma, possibilitou que eles permanecessem livres dos impactos mais diretos da economia brasileira em expansão, mas, ao mesmo tempo, permitiu que estivessem expostos às inovações materiais e organizacionais envolvidas”(GORDON, 2006, p.112)

Diferentemente, os Xakriabás, localizados no norte de Minas Gerais – ou seja, em um estado localizado na região mais dinâmica do país – sofreram impactos mais fortes da economia brasileira. Mas, a exemplo dos mesmos Membêngôkre, também estiveram expostos às inovações materiais, e esse é um ponto em comum interessante. Isso evidencia que o contato com as inovações materiais “dos brancos” é fator presente em várias comunidades indígenas, mesmo que a razão da incorporação seja diferente entre elas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das colocações feitas neste trabalho, visamos contribuir para o entendimento da realidade Xakriabá à luz de referências teóricas que consideramos pertinentes para uma melhor percepção.

Não nos esqueçamos, é claro, de que, conforme observou Sahlins, a proposição da interação da tradição e da modernidade como referência importante para o entendimento das realidades indígenas não implica que devamos assumir um

otimismo sentimental, que ignoraria a agonia de povos inteiros, causada pela doença, violência, escravidão, expulsão do território tradicional e outras misérias que a "civilização" ocidental disseminou pelo planeta. Trata-se aqui, ao contrário, de uma reflexão sobre a complexidade desses sofrimentos, sobretudo no caso daquelas sociedades que souberam extrair, de uma sorte madrastra, suas presentes condições de existência. (SAHLINS, 1997, p. 53)

O importante, aqui, é ressaltar que as mudanças advindas do contato do povo Xakriabá e também de outras populações indígenas com outros povos devem ser analisadas à luz do significado que possuem para as próprias populações indígenas, e não consideradas *a priori* como representantes de um suposto “fim” da cultura indígena em questão. O que se deve fazer, sim, é promover ao máximo a autonomia das populações indígenas no sentido de serem sujeitos efetivos de sua história, e tal condição implica, antes de tudo, que caiba aos próprios índios a decisão de qual ou quais mudanças e continuidades devem ser potencializadas.

5. ANEXOS

Anexo 1



Módulos 1 e 2 da Casa de Cultura

Fonte: Território Indígena Xakriabá, janeiro de 2009

Anexo 2



Casa de Cultura com os 4 Módulos
Fonte: Território Indígena Xakriabá, janeiro de 2010.

Anexo 3



Xakriabá
Fonte: Território Indígena Xakriabá.

Anexo 4



Xakriabás em reunião no seu Território.
Fonte: Território Indígena Xakriabá

6. REFERÊNCIAS

AZANHA, Gilberto. Etnodesenvolvimento, mercado e mecanismos de fomento: possibilidades da desenvolvimento sustentado para as sociedades indígenas no Brasil. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; BARROSO-HOFFMANN, Maria Barroso (Orgs.). **Etnodesenvolvimento e políticas públicas, bases para uma nova política indigenista**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ LAACED, 2002.

CAMPOS, Marden Barbosa de; CAMPOS, Thiago Barbosa de; MONTE-MÓR, Roberto Luis de Melo. **A questão demográfica indígena: o caso dos Xakriabá, no Norte de Minas Gerais**. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

CLEMENTINO, Alessandro M.; MONTE-MÓR, Roberto Luís de M. (2006) **Xakriabás: economia, espaço e formação de identidades**. In: XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, 2006, Caxambu. **Anais**. Belo Horizonte: ABEP, 2006.

DINIZ, Sibelle Cornélio; MAGALHÃES, Felipe N. Coelho; MONTE-MÓR, Roberto Luís de Melo. Economia e etnodesenvolvimento no território indígena Xakriabá, MG. In: XII Seminário sobre a Economia Mineira, 2006, Diamantina. **Anais**. Belo Horizonte: Cedeplar, UFMG, 2006.

DINIZ, Sibelle Cornélio. **Em busca de um (etno)desenvolvimento regional: o caso do Território Indígena Xakriabá, no norte de Minas Gerais**. 2006. Monografia de conclusão de curso (Curso de Ciências Econômicas) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

DINIZ, Sibelle Cornélio; MAGALHÃES, Beatriz Judice. **A especificidade da inserção socioeconômica da população Xakriabá e a utilização de alguns conceitos econômicos tradicionais: por um diálogo entre a economia e a antropologia**. In: XII Seminário sobre a Economia Mineira, 2008, Diamantina.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: Para uma antropologia do consumo**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

FRANCHETTO, Bruna. Sobre discursos e práticas na educação escolar indígena. In: SOUZA LIMA, Antonio Carlos, BARROSO-HOFFMANN, Maria Barroso. **Estado e povos indígenas, bases para uma nova política indigenista II**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/ LACED, 2002.

GOMES, Ana Maria; MONTE-MÓR, Roberto Luís de M. **Educação e alternativas de produção: diagnóstico da economia e implementação de projetos de sustentabilidade junto à comunidade indígena Xakriabá (norte de Minas Gerais)**. In: III Seminário Internacional da ARIC – Association pour la Recherche Inter Culturelle na América Latina, 2006, Florianópolis. **Anais**. Florianópolis: UFSC, 2006.

GORDON, César. **Economia Selvagem: Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre**. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006 il.

HOBBSBAWM, Eric; **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LITTLE, Paul. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**- Por uma antropologia da territorialidade.

In: **Série Antropologia**, n. 322. Departamento de Antropologia -UnB- Brasília, 2002.

MAGALHÃES, Beatriz J. **Reflexões sobre a Economia Xakriabá em São João das Missões**: o papel das políticas públicas e das formas de organização da comunidade no processo de etnodesenvolvimento. Monografia do Programa de Educação Tutorial (PET) de Ciências Econômicas da Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação**. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SAHLINS, Marshall. **Metáforas históricas e realidades míticas**. Estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich. Rio de Janeiro, Zahar, 2008.

_____. **O "pessimismo sentimental" e a experiência etnográfica**: por que a cultura não é um "objeto" em via de extinção (parte I). *Mana* [online]. 1997, vol.3, n.1, pp. 41-73.

SANTILLI, Márcio. Programas regionais para uma nova política indigenista. In SOUZA LIMA, Antonio Carlos de; BARROSO-HOFFMANN, Maria (Orgs.) **Estado e povos indígenas: bases para uma nova política indigenista II**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/LACED, 2002.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. **Do terreno dos caboclos do Sr. João à Terra indígena Xakriabá.: as circunstâncias da formação de um povo. Um estudo sobre a construção social de fronteiras**. 1997, 304f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **No Brasil todo mundo é índio, exceto quem não é**. 2006. In SZTUTMAN, Renato. Coleção Encontros: a arte da entrevista, Eduardo Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2008.

UFMG. Cedeplar/ FAE. **Conhecendo a Economia Xakriabá**. Relatório Preliminar de Pesquisa. Belo Horizonte, 2005.